

FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Andréia Dalcin¹. UFRGS. andreia.dalcin@ufrgs.br

Resumo

A presente Comunicação Oral tem por objetivo debater com a comunidade de pesquisadores o uso da fotografia como fonte para pesquisas no campo de História da Educação Matemática. Tomaremos como referências as pesquisas “Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres” (2008 – 2010) e “ História da Educação Matemática em Mato Grosso ao longo do século XXI: narrativas e vidas de professores” (2010-2012) coordenadas pela professora e pesquisadora Dra. Andréia Dalcin. Tais pesquisas tomaram como objeto de estudo elementos da história da educação matemática no estado de Mato Grosso e fizeram uso, além da documentação escrita disponível, de entrevistas e fotografias. Ambas as pesquisas caracterizam-se por terem sido desenvolvidas em parceria com pesquisadores da Unemat e UFMT, com a participação efetiva de alunos de graduação e pós-graduação que desenvolveram pesquisas individuais de Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso e dissertações de Mestrado que, no conjunto, viabilizaram os estudos em questão. O uso da fotografia como fonte, com maior ou menor intensidade, esteve presente em praticamente todos os trabalhos. As experiências vividas através das pesquisas mencionadas e a relevância que as fotografias assumiram em alguns momentos provocam-nos a discutir com mais acuidade o potencial de tais fontes, suas limitações e procedimentos metodológicos. As fotografias contribuíram em especial para a compreensão do espaço e tempo das instituições estudadas, bem como sobre as práticas vinculadas ao ensino de matemática e formação de professores. Trouxeram luz para questões do cotidiano, não representadas nos documentos escritos oficiais. Possibilitaram uma melhor compreensão da cultura material e imaterial das localidades estudadas a partir da análise do contexto escolar. A arquitetura das instituições, de modo especial, foi contemplada pelas fotografias, revelando as diversas realidades das escolas e universidades estudadas. Em síntese a fotografia “reúne um inventário de informações” (KOSSOY, 2002, p.31) o qual suscita curiosidades e questionamentos. Traz ao pesquisador evidências de um passado a ser interpretado. Nessa perspectiva, no diálogo com os documentos escritos e depoimentos orais, as fotografias

¹ Integra o grupo de pesquisa HIFEM/FE/UNICAMP. Coordena o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da Matemática da UFRGS.

ampliam o horizonte das fontes a serem consideradas em pesquisas em História da Educação Matemática. Trazem novas possibilidades de se pensar o território escolar e as práticas educativas produzidas historicamente. Provocam e inquietam os pesquisadores que sacralizam o documento escrito na medida em que a ênfase da narrativa histórica se desloca do fato para as versões do fato.

Introdução

O presente texto tem por objetivo contribuir com o debate sobre o uso da fotografia como fonte para pesquisas no campo de história da educação matemática. Tomaremos como referência as pesquisas “Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres”² (2008 – 2010) e “História da Educação Matemática em Mato Grosso ao longo do século XXI: narrativas e vidas de professores”³ (2010-2012) coordenadas pela professora e pesquisadora Dra. Andréia Dalcin. Tais pesquisas tomaram como objeto de estudo elementos da história da educação matemática no estado de Mato Grosso e fizeram uso, além da documentação escrita disponível, de entrevistas e fotografias.

A pesquisa “Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres” investigou o percurso histórico do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Universitário Deputado Estadual Renè Barbour da Unemat - Universidade do Estado de Mato Grosso - de modo a compreender o processo de criação, legitimação, estruturação administrativa, curricular e pedagógica, bem como, investigar o perfil dos alunos ingressos e egressos e dos professores que atuaram no curso ao longo dos dez anos investigados, da criação em 1999 até 2009, dialogando com elementos da história local e a legislação sobre formação de professores vigente durante o período em estudo.

A pesquisa “História da Educação Matemática em Mato Grosso ao longo do século XX: narrativas e vidas de professores”, em desenvolvimento, tem por objetivo investigar como se desenvolveu o ensino de matemática no estado de Mato Grosso ao longo do século XX tendo como foco as narrativas de ou sobre professores e que atuaram em diferentes

² Projeto teve financiamento da FAPEMAT – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso. Foram desenvolvidos 2 pesquisas de Iniciações Científicas e 8 Monografias de TCC vinculadas a esse projeto.

³ Até o momento foram desenvolvidas 2 pesquisas de Iniciação Científica e 1 Dissertação de Mestrado esta em andamento junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFMT, linha de Educação em Ciências e Matemática.

instituições contribuindo para a formação matemática de crianças, jovens e adultos ao longo desse período. Nesse sentido, buscamos identificar professores que por meio de suas práticas pedagógicas deixaram marcas que hoje nos auxiliam na compreensão de um contexto histórico mais amplo que permite mapear estratégias didáticas, livros didáticos, concepções de educação e matemática, políticas públicas que direta ou indiretamente estiveram presentes no contexto escolar ao longo do século XX no Estado de Mato Grosso.

As pesquisas desenvolvidas situam-se no campo de investigação da história da educação matemática entendida como “todo estudo de natureza histórica que investiga, diacrônica ou sincronicamente, a atividade matemática na história, exclusivamente em suas práticas pedagógicas de circulação e apropriação do conhecimento matemático e em práticas sociais de investigação em educação matemática” (MIGUEL; MIORIM, 2002, p. 187). A história da educação matemática não está descolada de outras histórias a exemplo da história das instituições em que as práticas de circulação e apropriação do conhecimento matemático acontecem ou das histórias de vida dos professores que ensinam matemática. Nesta perspectiva ao construirmos uma história da educação matemática em Mato Grosso ou do curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres, foi necessário considerarmos outros elementos tais que nos possibilitassem compreender o tempo e espaço em que as histórias se constituíram, uma vez que entendemos a história como uma prática humana e, enquanto humanos nos colocamos dialeticamente como parte e em relação com as coisas do mundo. Nesse sentido o diálogo com outras áreas e campos de investigação a exemplo da Sociologia, da História da Educação e Filosofia se fez necessário, pois tal diálogo nos possibilitou uma melhor compreensão da totalidade e complexidade do ato educativo, do qual as práticas matemáticas e a formação de professores também são parte constitutiva.

Ambas as pesquisas foram produzidas em parceria com pesquisadores da Unemat e UFMT, com a participação efetiva de alunos de graduação e pós-graduação que desenvolveram pesquisas individuais (consideradas subprojetos das duas pesquisas em questão) de Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso e dissertações de Mestrado (em andamento) que, no conjunto, viabilizaram os estudos. O uso da fotografia como fonte, com maior ou menor intensidade, esteve presente em praticamente todos os trabalhos. As experiências vividas através das pesquisas mencionadas e a relevância que as fotografias assumiram em alguns momentos provocam-nos a discutir com mais veemência o potencial de tais fontes, suas limitações e procedimentos metodológicos.

O uso da fotografia como fonte vem ganhando espaço nas pesquisas históricas, deixando de ser apenas apêndice do texto com caráter figurativo para se tornar registro histórico. No entanto, para que a fotografia seja considerada uma fonte histórica é necessário um tratamento metodológico, entendendo que a fotografia constitui-se como uma linguagem não verbal dotada de sintaxe e semântica próprias, permeadas por intencionalidades que perpassam o processo de criação. Nesse sentido, a fotografia deixa de ser um retrato da realidade, de exatidão e fidelidade, traço atribuído em seus primeiros anos de existência.

Além disso,

As fotografias devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social. (BORGES, 2005, p.73).

Nesta perspectiva, a fotografia é polissêmica e “pressupõe, subjacente aos seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros” (BARTHES, 1990, p.32). Sobre essa pluralidade de possibilidades de interpretações Kossoy (2002) nos alerta “a imagem fotográfica, com toda a sua carga de ‘realismo’ não corresponde necessariamente a verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois de ambiguidades” (KOSSOY, 2002, p. 45). Nesse aspecto reforça-se a necessidade de buscarem-se metodologicamente informações sobre o fotógrafo, o contexto de criação da fotografia, bem como o uso de critérios no processo de análise das fotografias no desenvolvimento das pesquisas.

O fotógrafo é um misto de autor e artista que “num golpe” seleciona a cena, a congela e a materializa. A intervenção do fotógrafo se dá de forma indireta, uma vez que a fotografia é a concretização de uma produção criativa que transforma em documento o testemunho de um determinado instante que se pretendeu perpetuar (DALCIN, 2008, p.27). Cabe ao pesquisador “interrogar” a fotografia buscando elementos sobre a variedade das intenções explícitas e ocultas, considerando o “não dito”, as ideologias e códigos culturais de quem a produziu. Contextualizar a fotografia no tempo e espaço de produção torna-se o primeiro passo para o pesquisador em história da educação matemática. Ao lidar com as fotografias “o historiador as encara como um documento, como uma construção cultural, cuja confecção e difusão têm uma história que não pode ser desconhecida pela análise histórica” (BORGES, 2005, p.81).

As fotografias nas pesquisas aqui mencionadas contribuíram em especial para a compreensão do espaço e tempo das instituições estudadas, bem como sobre as práticas vinculadas ao ensino de matemática e a formação de professores. Trouxeram luz para questões do cotidiano, não expressas nos documentos escritos oficiais. Possibilitaram uma melhor compreensão da cultura material e imaterial das localidades estudadas a partir da análise do contexto escolar.

Em ambas as pesquisas a quantidade de fotografias localizadas foi acima das expectativas. A maior parte do acervo constituído foi resultado de doações de ex-alunos e professores entrevistados para as pesquisas e que as tinham em acervo pessoal. Também localizamos algumas fotografias em álbuns mantidos pelas instituições escolares e na Internet. Tais fotografias, na grande maioria, foram produzidas por fotógrafos amadores, pelo homem cotidiano comum, que sem o domínio das técnicas da fotografia as produziu com o intuito de registrar momentos, do cotidiano ou solene, que no seu entendimento, mereciam ser eternizados. Durante o processo de escaneamento das imagens evitou-se ao máximo qualquer tratamento das fotografias, mantendo-as o mais original possível.

Tanto os documentos escritos como as fotografias, sob o ponto de vista da análise histórica, nos apresentam evidências. Evidências geradas a partir de indícios. Aproximamo-nos nesse momento de Ginzburg e do que o autor denomina de “paradigma indiciário”.

Neste paradigma, o pesquisador descreve o que vê, o que percebe. E o que ele percebe é um detalhe que lhe chama a atenção, um pouco diferente do que está acostumado, isto é, as pequenas diferenças que são muitas vezes negligenciadas por serem ínfimas. (CARDOSO, 2010, p.22).

Ginzburg em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* faz uma revisão histórica que passa pela semiologia médica, arte divinatória e atividade da caça em períodos longínquos com o intuito de destacar as raízes antigas de um saber que se constrói sobre indícios. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais indícios- que permitem decifrá-la” (GUINZBURG, 2009, p.177) que permitem buscar relações e conexões e efetuar tentativas de compreensão da totalidade. Na busca por indícios o historiador se assemelha a um médico que na análise dos sintomas busca identificar a doença sem nunca atingi-la, sendo assim, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural.

É com essa postura de historiador que interroga as fontes, buscando os detalhes, o visível e o não visível que analisamos as fotografias ao longo das pesquisas. Na sequência apresentamos alguns exemplos das contribuições das fotografias como fontes nas pesquisas realizadas.

Fotografias e arquitetura escolar

A arquitetura escolar é um dos elementos que são analisados quando desenvolvemos pesquisas com história das instituições; chama-nos à atenção as plantas, normas de construção dos prédios, comumente normatizadas por projetos estabelecidos pelo governo, impondo o cenário de uma determinada cultura escolar, além disso, em sua dimensão física elucidamos os espaços, contextos e estrutura arquitetônica dos edifícios que materializam em cada elemento de sua composição as opções, as concepções, valores e preocupações humanas de sua época (OLIVEIRA; GATTI, 2002, p.74-75). Ao olharmos para a arquitetura das escolas investigadas as fotografias confirmaram informações dadas pelos depoentes e trouxeram novas.

A fotografia da Figura 1 nos mostra uma escola de “pau-a-pique”, palha e lona, construída pelos pais dos alunos em Guarantã do Norte no estado de Mato Grosso no início da década de 80 do século XX, ao mesmo tempo nos choca e provoca. A existência de escolas com tais características físicas gera diversos questionamentos sobre as condições do trabalho docente, as necessidades dos alunos e pais. O não dito nos documentos escritos localizados sobre a história das escolas nesta localidade é perceptível pelo confronto com a fotografia.



Figura 1: Escola de pau-a-pique, construída pelos pais dos alunos em Guarantã do Norte
Fonte: Foto do acervo do Srº Eugênio Caffone, (morador de Guarantã do Norte)- OENNING, 2011.

A Figura 2 mostra uma nova fase das escolas de Guarantã do Norte, registra uma das visitas da professora Irene Rocha como Secretária de Educação do Município nas escolas rurais. No entanto, é possível perceber que a precariedade da estrutura física das escolas permanece. O olhar para os detalhes nos permite ver a organização do espaço na sala de aula, a quantidade de alunos e faixa etária. Nas paredes de madeira, cartazes de cartolina e folhas de ofício estão afixados, lembrando um mural, em que algumas das atividades desenvolvidas pelas crianças merecem destaque. A vestimenta das crianças, ausência de uniforme escolar, disposição dos alunos na sala de aula... observações que geram diferentes compreensões do passado.



Figura 2: Secretária Irene Rocha em visita a escola rural do município de Guarantã do Norte/MT. Fonte: Foto do acervo do Srº Eugênio Caffone, (morador de Guarantã do Norte), OENNING, 2011.

Já a Figura 3 nos traz uma fotografia do primeiro prédio do campus da Unemat em Barra do Bugres. Um espaço providenciado pela prefeitura que era o centro comunitário do bairro e uma pequena escola municipal. Os relatos de alguns depoentes faziam menção a este prédio, a exemplo da fala do primeiro coordenador do campus o professor Júlio César Geraldo.



Figura 3 - Fotografia do primeiro prédio da Unemat 1993/1994. Fonte: Fotografia fornecida pela Coordenação do Campus Universitário Deputado Estadual René Barbours, DALCIN; SILVA; SANTOS (2012).

(...) eu fui assumir a Unemat, abri no primeiro dia o portão, lembro como se fosse hoje, aquele molho de chaves aquele monte de barbantes na mão, só que só tinha o prédio, não tinha uma caneta, não tinha uma folha de papel, como escrever nada. E aí, o que fazer? Aí eu tive a ideia: eu sentei no chão, lá dentro fiquei pensando, falei “bom”! agora eu preciso me organizar, preciso saber o que eu vou fazer pra fazer disso aqui uma universidade (GERALDO, 2008 apud DALCIN; SILVA; SANTOS, 2012).

Relato e fotografia se complementam e nos expõe uma visão mais clara da arquitetura e condições da universidade onde se desenvolveu o curso de Licenciatura em Matemática, o primeiro curso implantado na ocasião.

Para Burke (2004) muito ainda pode ser aprendido através do estudo cuidadoso de pequenos detalhes em imagens interiores – casas, tavernas, cafés, **salas de aula**, lojas, igrejas, bibliotecas, teatros, etc. que revelam não somente artefatos do passado, mas também sua organização (BURKE, 2004).

Fotografias de formatura



Figura 4 - Montagem de fotografias de formatura - criação de Iasmim Amiden dos Santos – Fonte: DALCIN; SILVA; SANTOS (2012).

A Figura 4 é um caso de trucagem, produzido com a intenção de, em um mesmo suporte, apresentar o conjunto de fotografias de formatura do curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres que conseguimos localizar. Tais fotografias tem a função de deixar o registro de uma cerimônia que é um acontecimento não somente para os formandos e seus familiares, mas também para a comunidade local que prestigia e participa.

De fato, a fotografia surge, desde o início, como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar e coletiva. Se se aceitar, com Durkheim (1995), que as cerimônias têm por função reanimar o grupo, percebe-se por que a fotografia deve estar associada a elas, já que provê os meios para eternizar e solenizar estes momentos intensos da vida social, em que o grupo reafirma a sua unidade. (BOURDIEU, 2006, p. 32)

A formatura é uma cerimônia solene que marca o final de um processo e início de uma nova etapa para cada um dos acadêmicos. O “ser” e “estar” professor de matemática se unem

na simbologia de um diploma que garante a possibilidade da atuação e reconhecimento social. As fotografias de formatura legitimam esse momento. Seja mantendo a tradição da toga ou com vestimentas menos “rigorosas”, a ocasião exige que se crie no imaginário um simbolismo que caracterize aquele grupo naquele momento, o da formatura.

As fotografias, assim como os “quadros de formatura” fixos no corredor principal ou local solene no prédio da universidade, prática ainda presente na Unemat de Barra do Bugres, reafirmam o capital cultural adquirido, favorecem a que pessoas de várias gerações e com diferentes papéis introjetem a importância da instituição, valorizem e situem, no tempo e espaço, personagens: alunos, paraninfos e professores homenageados, com o intuito de interagir com a memória coletiva. A fotografia, muito mais do que um documento, torna-se um *monumento*.

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1990, p. 536).

Fotografias, práticas escolares de ensino e formação de professores de matemática

Um dos aspectos analisado ao longo das duas pesquisas em questão fora as práticas escolares direcionadas para o ensino da matemática que aconteciam no interior das instituições estudadas. Como exemplo, nesse momento, citaremos a relevância das fotografias no caso da análise das experiências de estágio docência que aconteceram com a primeira turma do curso e Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres e que foram objeto de análise da pesquisa de Iniciação Científica da acadêmica da UFMT Glauce da Silva Araújo, intitulada “As práticas de estágio de um curso de formação de professores de matemática, memória, narrativas e fotografias”. A grande quantidade de fotografias localizadas motivou o desenvolvimento da pesquisa.

Dentre as atividades que os estagiários desenvolveram sob a orientação da professora supervisora de estágio Elmha Coelho Moura no que denominaram de projeto “Matematicabol” chama a atenção a experiência de construção de oficinas na Escola Estadual e Municipal “Paulo Freire” localizada no assentamento Antonio Conselheiro, a uma distância de 82 quilômetros do município de Barra do Bugres. O assentamento Antonio Conselheiro faz fronteira com três municípios da região do médio-norte do Estado de Mato Grosso. A Escola

“Paulo Freire” do assentamento tem por decreto de criação o ano de 2000. Na ocasião o assentamento contava com aproximadamente mil famílias assentadas, sendo muitas delas oriundas do Movimento Sem Terra (MST). As fotografias a seguir nos possibilitam uma reflexão sobre a experiência vivenciada pelos acadêmicos da primeira turma nesse contexto.



Figura 5- Escola Municipal Paulo Freire- Fonte: Departamento de Matemática da Unemat de Barra do Bugres.



Figura 6- Atividades da primeira turma de estágio do curso de Licenciatura em Matemática - Fonte: Departamento de Matemática da Unemat de Barra do Bugres.



Figura 7- Atividades da primeira turma de estágio do curso de Licenciatura em Matemática - Fonte: Departamento de Matemática da Unemat de Barra do Bugres.

As Figuras 5, 6 e 7 foram tiradas por alunos e professores da Unemat que supervisionaram o estágio da primeira turma do curso de Licenciatura em Matemática. A faixa em frente a escola visível na Figura 5 já evidencia uma proposta de escola e educação inspirada nas ideias de Paulo Freire. As oficinas foram planejadas e aplicadas na perspectiva de um ensino de matemática que valoriza-se as características da comunidade de agricultores que moravam no assentamento Antônio Conselheiro.

Araújo (2010) nos coloca que

O projeto Matematicabol é composto por todos os jogos já realizados no estágio supervisionado II intitulado como Brincmat e outros elaborados pelos estagiários. Os relatos dos alunos e da professora nos levam a crer que apesar das dificuldades de deslocamento, material e características da diversidade de alunos presentes tanto quanto a idade como formação, a experiência de estágio naquele contexto foi ímpar, significativa e deixou marcas nos alunos e professores, estimulou que os alunos estagiários continuassem a desenvolver atividades com “jogos” e “brincadeiras” para o ensino de matemática. (ARAÚJO, 2010, p.19).

Tais fotografias possibilitaram uma melhor compreensão das atividades que aconteceram no estágio e ainda, em alguns momentos, foram usadas estrategicamente em

entrevistas com professores e alunos da turma investigada com a intenção de facilitar a lembrança de algumas atividades em que eles estiveram envolvidos. Nesse sentido as fotografias subsidiaram as entrevistas, são reveladoras de histórias latentes que estavam adormecidas na memória dos entrevistados.

As fotografias, confrontadas com os relatórios de estágio e depoimentos nos fazem refletir sobre a necessidade da vivência de realidades distintas sociais e culturais no processo de formação de professores. Existe uma pluralidade de escolas em contextos históricos, geográficos e culturais que muitas vezes não são contemplados nos cursos de formação de professores, nesse sentido a experiência vivenciada por aquela turma de alunos torna-se um diferencial, coloca os alunos mais próximos dos espaços em que poderão de fato vir a atuar. As escolas do campo em Mato Grosso são uma realidade, assim como as escolas em aldeias indígenas.

Algumas Considerações Finais

O trabalho com fotografias é repleto de desafios. Uma das dificuldades em usar as fotografias como fontes em pesquisas é o fato de que muitas vezes, como aconteceu durante os projetos aqui mencionados, elas chegaram às mãos do pesquisador sem identificação, datas ou acontecimento, o que pode levar o pesquisador a um inventário de possibilidades nem sempre viáveis. Nesse sentido Kossoy (2001) nos alerta.

O estudo das fontes fotográficas, como já foi observado, demandará sempre um enfoque inter e multidisciplinar. Os museus, arquivos e universidades devem operar em conjunto no levantamento dos artefatos fotográficos, bem como na identificação de seus conteúdos. É fundamental para essa tarefa o contato permanente com a comunidade. As pessoas mais idosas e os cronistas do lugar devem ser consultados, pois possivelmente terão condições para identificar e relatar as circunstâncias que envolveram os cenários documentados e os personagens retratados. E esses depoimentos devem ser colhidos com urgência. (KOSSOY, 2001, p.87).

Outro aspecto a ser considerado é a escassez de estudos que se dedicam a investigar a fotografia como fonte histórica. Boa parte da literatura dedica-se a estudar a história da fotografia. No campo da História da Educação Matemática essa temática ainda é mais rara. Assim sendo, nos colocamos em estado de alerta, saímos da zona de conforto que a análise

dos documentos escritos nos propicia, dialogamos com historiadores, linguistas, psicólogos, sociólogos, antropólogos, dentre outros.

Por fim, as fotografias não são registros da realidade, mas criam múltiplas realidades gerando inúmeros significados a partir dos filtros ideológicos e culturais de quem a olha. Nesse sentido, retomamos a concepção de fotografia como evidência e como tal precisa ser interpretada e analisada na relação com outras fontes.

A imagem fotográfica pode ser utilizada para obter informações inéditas ou para confrontar informações obtidas por outros tipos de documentos. Elas permitem desvendar aspectos que não ficam claros em outras formas de registro e ajudam a recuperar a história daqueles que não deixaram escritos ou depoimentos. HOFFMANN (2010, p. 21-22)

A fotografia “reúne um inventário de informações” (KOSSOY, 2002, p.31) o qual suscita curiosidades e questionamentos. Traz ao pesquisador evidências de um passado a ser interpretado. Nessa perspectiva, no diálogo com os documentos escritos e depoimentos orais, as fotografias ampliam o horizonte das fontes a serem consideradas em pesquisas em história da educação matemática. Trazem novas possibilidades de se pensar o território escolar e as práticas educativas produzidas historicamente. Provocam e inquietam os pesquisadores que sacralizam o documento escrito na medida em que a ênfase da narrativa histórica se desloca do fato para as versões do fato.

Na continuidade dos estudos ampliaremos nosso olhar para as possibilidades do uso da fotografia em história da educação matemática por meio de ações junto ao Programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) UFRGS, da área de Matemática.

A ideia é articular ensino e pesquisa, incentivando a produção de investigações com alunos de graduação, em especial pibidianos, a exemplo dos dois projetos aqui citados. Além disso, espera-se incentivar a coleta e produção de materiais didáticos, inclusive fotográficos que possam ser considerados em situações didáticas no ensino de matemática. As pesquisas produzidas também pelos pibidianos estarão vinculadas a um projeto de pesquisa maior intitulado “Um estudo histórico sobre as práticas escolares de circulação e apropriação do conhecimento matemático” que terá como objetivo investigar quais metodologias e recursos didáticos estiveram presente nas práticas dos professores que ensinaram matemática e que foram abandonados ou são muito pouco utilizados nos dias atuais e quais permaneceram ao longo desse processo). Nessa perspectiva as escolas de Porto Alegre em que o PIBID/

Matemática acontece, a saber: Escola Estadual Rio de Janeiro; Escola Estadual Dolores Alcaraz Caldas e Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, constituir-se-ão em objetos de investigação, bem como espaços em que o ensino de matemática possa ser olhado sob diferentes perspectivas. Esperamos assim, continuar avançando em dois sentidos: no exercício da pesquisa e a formação docente - O PIBID não é um programa de pesquisa embora a pesquisa seja um elemento importante - e direcionar as pesquisas para o campo da história da educação matemática, valorizando as fotografias enquanto fontes.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Glauce da Silva. As práticas de estágio de um curso de formação de professores de matemática, memória, narrativas e fotografias. Iniciação Científica. Departamento de Matemática.UFMT, 2010.

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 11-61.

BORGES, Maria Eliza Linhares. História & Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire. O Camponês e a Fotografia. Curitiba: Revista de Sociologia Política, núm. 26, p. 31-39, jun 2006.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, V. C. A cigarra e a formiga: uma reflexão sobre educação matemática brasileira na primeira década do século XXI. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Campinas – UNICAMP, 2009.

DALCIN, Andréia. Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo : construindo uma história. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Faculdade de Educação. UNICAMP, 2008.

DALCIN, Andréia; SILVA, Adailton; SANTOS, Vinícius M.P. Memórias do Curso de Licenciatura em Matemática da Unemat de Barra do Bugres. Cuiabá: Editora KCM, 2012.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HOFFMAN, M. L. Guardiã de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Visual) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002, p. 25-59.

_____. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão, et all. . Campinas: UNICAMP, 1990.

OENNING, Renata A. dos Santos. História da Educação Matemática no Mato Grosso: Guarantã do Norte. Trabalho de Conclusão de Curso- Departamento de Matemática. UFMT, 2011.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M.; GATTI JÚNIOR, Décio. “História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico” In: Cadernos de História da Educação. V.1, N. 1. Jan/dez 2002. p. 73-76.